

RIBEIRO TACQUES, OU DE COMO RELACIONAR UMA CÉLEBRE RUA DO PORTO ROMÂNTICO COM UM AUTARCA SANTA-MARIENSE

Júlio Amorim de Carvalho¹

Neste tamanho perigo, em que me fui meter,
ũa só escusa tenho por mim: o grande desejo
de tratar os louvores de V. Alteza, se não como
ele merecesse, ao menos como eu pudesse. –
Joam de Barros, *Panegyrico a D. Joam IIIº*,
MDXXXIII

... nunca numa crítica séria, o crítico pode pôr
de lado as suas próprias ideias e sentimentos;
isso seria esvasiar-se do próprio poder crítico...
sem ter um quadro de valores a que se reporte na
estimativa da obra e autor criticados (Amorim de
Carvalho, carta para Maria Isabel Guerra Jun-
queiro datada de Paris, 10 de novembro de 1970)

... a atitude do simples analista que se refugia
numa cómoda neutralidade não só nos parece
logicamente absurda como moralmente con-
denável. (António José de Brito, *Para a com-
preensão do pensamento contra-revolucionário*,
1996)

ANTELÓQUIO

O nome de Carlos Alberto Ribeiro Tacques surge em documentação conservada no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho, no Porto, e em diversos volumes da biblioteca da mesma Casa. Alguns destes volumes foram adquiridos por Amorim de Carvalho; outros, por Maria Cristina Cidade Soares (sobrinha-neta de Ribeiro Tacques), reunindo esta, assim, alguns livros e periódicos que andavam dispersos pelos seus parentes. Do casamento de Maria Cristina com o autor destas linhas, pouco antes da morte de Amorim de Carvalho², resultou que transitaram esses volumes para a biblioteca da sua nova família, a daquele poeta e filósofo português, seu sogro, – vindo eles a

1 Diplomata, ex-Secretário de Estado de Negócios Estrangeiros (República Francesa), fundador da Casa Amorim de Carvalho, Porto, Portugal.

2 Amorim de Carvalho que, ainda no tempo de Portugal, se instalara em Paris, morreu na capital francesa, a 15 de abril de 1976.

integrar, naturalmente, a Livraria Antiga da Casa Amorim de Carvalho onde se encontram hoje.

Não pretendemos alargar o presente trabalho até à exaustividade, pois fundamentar-nos-emos apenas nas fontes de informação existentes no Arquivo e na Biblioteca da referida Casa: para, primeiramente, mostrarmos a curiosa relação da ascendência de Ribeiro Tacques com certo lugar da cidade do Porto, e certo momento de real significado na história cultural portuguesa do século XIX; e, em seguida, para expormos, com algum desenvolvimento, aspectos da vida e da obra de criação literária do intelectual brasileiro.

O PORTO ROMÂNTICO

As últimas gerações românticas (particularmente as do ultra-romantismo) tiveram, no Porto, uma fortíssima representação; emergiram, lá por volta dos anos cinquenta do século XIX, com um tal vigor na criação poética ligada a intensa febrilidade boémia e amorosa, – que o país não deve ter conhecido outros momentos similares na sua história literária. Houve uma espécie de desregramento, num ambiente doentio, como que respondendo ao deliquescente regime dos derradeiros Braganças reinantes o qual, tendo origem na revolução liberal do Porto, de 1820, fazia perdurar a instabilidade governativa, perenizava a impotência política da nação. Surgiam na grande cidade nortenha, lá pelos meados do XIX.º século, os irrequietos grupos de poetas, e um sem número de publicações periódicas e livros e folhetos em que se editava abundantíssima lírica, frequentemente sensaborona, produzida pelos *habitués* dos botequins, pelas *corjas* dos cafés, pelos admiradores das actrizes e bailarinas e cantoras que passavam no Teatro São João, pelos frequentadores dos «abadessados e outeiros portuenses de Santa Clara e S. Bento da Avè-Maria, e [...] [dos] de *Corpus Christi* de Vila Nova de Gaia»³. Aos conventos acorriam os poetas de todos os quilates, com ou sem renome, pedindo motes às freiras que eles glosavam nos pátios dos mosteiros saboreando os requintados doces conventuais preparados pelas monjas ou suas criadas... Paixões de pecado, escaldantes, adulteriosas, sensuais, místicas, mórbidas, foram frequentes na época: inspiraram múltiplos madrigais, sonetos decassilábicos perfeitíssimos e pesadas elegias... Mas o burguês sisudo e instalado, não podia, ainda que liberal, deixar de considerar essa exaltação e esse tumultuar do Porto romântico como «pe-

3 Artur de Magalhães Basto, *O Porto do romantismo*, Coimbra, 1932, pág. 166. – Vila Nova de Gaia é município fronteiro ao Porto, na margem esquerda do rio Douro.

rigosos para o sossêgo das famílias»⁴. No entanto, esse burguês também se deixava contaminar profundamente pela doença da poesia: a moléstia, contraíram-na conceituados «desembargadores, professores da Politécnica e da Escola Médica», e até a adquiriu «o boticário e regedor de S. João da Foz do Douro, Silva Rosa, o único «regedor literato e poeta em Portugal e suas conquistas...»⁵. Contam-se às dúzias, os nomes desses que, pertencendo às gerações românticas, poetavam abundantissimamente nos periódicos literários dos meados do século. Das revistas que fundaram, e colaboraram intensamente, referiremos a «Lira da Mocidade», a «Miscellanea Poetica. Jornal de Poesias Ineditas» (1.^a collecção, 1851; 2.^a collecção, 1852), «O Bardo. Jornal de Poesias Ineditas» (1852-1855 – mas «teve logo a seguir duas reedições (1856 e 1857)»⁶), «A Grinalda» (1855-1869). Os vates colaboradores desses prestigiosíssimos periódicos formavam multidão tal, que nós nem ousamos dar a lista dos que colaboraram numa única daquelas revistas⁷. Era o regabofe de *devaneios* (cantando *Carlotas, Elizas e rosas*) e outras composições que poetas e poetizas se ofereciam mutuamente. Destes, alguns poucos nomes marcaram na literatura portuguesa, como de maior mérito: Pinheiro Caldas, Xavier de Novais, Soares de Passos, Alexandre Braga, Bulhão Pato.

Ora, nesse velho burgo portuense, havia uma muito antiga e famosa rua que se tornou celeberrima por obra e graça dos vates românticos...

A RUA FAMOSA

Na sua boa *Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto*, o padre Agostinho Rebêlo da Costa escreve⁸: «[...] divide-se tôda a cidade [do Por-

4 Id., *ibid.*, pág. 72.

5 Cf. id., *ibid.*, cap. XIV. – São João da Foz do Douro, freguesia do município do Porto, muito afastada do centro histórico da cidade; a freguesia já tem costa fluvial e atlântica. – Essa burguesia, que tomara conta de tudo, também se agradou com os títulos nobiliárquicos; e assim surgiam às mãos cheias, os barões e os viscondes de trazer por casa: *Foge, cão, / que te fazem barão! / Mas p'ra onde, / se me fazem visconde?*

6 Sobre «O Bardo», *vid.* Júlio Amorim de Carvalho, *Notas sobre alguns periódicos literários portugueses*, «Letras & Letras», Porto, 1 de janeiro de 1989.

7 Por exemplo, no «Bardo» colaboraram, além de António Pinheiro Caldas, Faustino Xavier de Novais, Camilo Castello Branco, Soares de Passos, Alexandre Braga, Bulhão Pato, e mais quarenta e três poetas que assinaram o nome completo; a esses, teríamos que juntar ainda os anónimos (que não indicavam, no final das suas composições, o mínimo sinal gráfico distintivo, ou que aí colocavam, à guisa de assinatura, uma ou duas estrelinhas) e também os inevitáveis: Y. X., Maria F., etc., etc. Alguns desses poetas não eram naturais do Porto, mas publicavam frequentemente suas composições em revistas portuenses. Certos deles editaram colectâneas das suas poesias, por exemplo: Pinheiro Caldas, *Poesias* (1.^a ed., 1854; 2.^a ed., 1864), Xavier de Novais, *Poesias* (1855), *Novas poesias* (1858), ambos portuenses.

8 1.^a ed. com datas de 1788 e 1789, dependendo dos exemplares. Cf. as palavras prévias de Artur de Magalhães Basto, na pág. V da 2.^a ed. (Porto, 1945) da obra de Rebêlo da Costa. As transcrições que fazemos são da 2.^a ed.

to] em cinco Bairros; a saber dois que estão dentro dos seus muros, e três nos arrabaldes imediatos: o primeiro é o *Bairro da Sé*, que fica ao nascente e se dilata pelas ruas *Chã*, *das Flores*, *S. João*, *S. Nicolau*, *Ribeira*, *Mercadores*, *Banharia*, e, subindo ao Arco de *S. Sebastião* abrange o grande espaço que se estende desde êste Arco até o *Codessal*, *Convento de Santa Clara*, e *Cima de Vila*». E acrescenta: «No bairro da Sé tem, entre as principais ruas, o primeiro lugar a *das Flores*, obra de El-Rei D. Manuel e que contém as lojas mais ricas da cidade, tanto em fazendas de lã e sêda, como em todo o género de mercearia, porcelanas, lojas de ourives de ouro, prata, etc.». Num mapa «Das freguesias, fogos, homens e mulheres» que existiam no Porto, em 1787, fornece Rebêlo da Costa as seguintes informações sobre a freguesia da Sé: fogos, 3185; homens que nela residiam, 6383; mulheres, 7054. Nesta freguesia, que se posicionava claramente como a segunda mais populosa da cidade, a rua das Flores era, já no século XVIII, como se viu, a mais importante artéria; e esta era uma das principais, senão a principal da cidade. Manteve a rua das Flores, no seguinte século, as características mercantis que o padre Rebêlo da Costa assinalara, isto é, comércio de muito diversas mercadorias: talvez mesmo em maior número, pelo que nos parece, as lojas de tecidos e a ourivesaria.



Rua das Flores, no Porto. Fotogr.^a tirada, em agosto de 2010, por Maria Cristina Cidade Soares

Nos meados do XIX.^o século, exerciam estes comércios, na referida artéria portuense, pelo menos dois dos mais conceituados representantes dos poetas-directores (ou «redactores», como então se dizia) de revistas de poesia: poetas que participavam na movimentada vida intelectual que caracterizou o Porto romântico e que nós evocámos, a traços largos, no precedente

capítulo. Eram eles: Nogueira Lima, ao que parece o efectivo fundador de «A Grinalda» e seu co-redactor (com o também poeta J. M. B. Carneiro); e António Pinheiro Caldas, um dos melhores ritmistas da escola romântica, que poetava não apenas com a visão intimista e lírica da generalidade dos vates do seu tempo, mas com certo interesse pela análise social e numa «reflexão poética sobre as características e os conflitos da própria poesia»⁹; este poeta fôra o inspirador e director (com Xavier de Novaes) da revista «O Bardo». Ambos, Nogueira Lima e Pinheiro Caldas, tinham, como dissemos, casa comercial na rua das Flores: o primeiro, de ourivesaria; o segundo, além da própria residência, aí abria comércio de tecidos finos¹⁰. A respeito do periódico «A Grinalda», escrevia Alberto Pimentel: «Entrava a Grinalda no seio das famílias, aquecia paixões, forjava ideais, e nenhuma menina foi casar-se à Sé ou a S. Nicolau sem que primeiro houvesse feito o seu tirocínio romântico pela leitura do jornal de Nogueira Lima. As noivas só largavam a *Grinalda* de versos quando ela lhes havia conquistado a grinalda de flores de laranjeira. Tudo naquele tempo eram grinaldas, flores, poetas e paixões». Ora, as considerações de Pimentel são igualmente ou até mais válidas para «O Bardo» de Pinheiro Caldas – jornal de poesias que, tendo conhecido um extraordinário sucesso, houve, como já dissemos, além da edição original, nada menos do que duas outras edições da sua colecção completa¹¹.

António Pinheiro Caldas – o notável poeta da escola romântica, idealizador de «O Bardo», e seu director, o proprietário da loja de fazendas finas na

9 Helena Carvalhão Buesco, *Bardo (O)* in «Biblos. Enciclopédia Verbo das literaturas de língua portuguesa», 1995.

10 Residência e loja de negócio sitas à rua das Flores, n.º 45 a 51: «Armazem de Fazendas de Moda, de lã e sêda. Nacionaes e Estrangeiras. Grande deposito de fato feito para homem. Capas, chapeos e manteletes para senhora», como consta de um documento comptabilístico respeitante à sua casa comercial, datado de 1860. Já em 1854 exercia o poeta Pinheiro Caldas esse negócio, pois o seu amigo Camilo Castello Branco a isso se refere, nessa data. Vid. Júlio Amorim de Carvalho, *Dois escritores portuenses. O poeta António Pinheiro Caldas e Amorim de Carvalho*, Casa Amorim de Carvalho, Prometeu, Porto, 2000, págs. 8, 55, 56. Cf. o documento na pasta 113/GD/N.º 38 do Arquivo da Casa Amorim de Carvalho. – Também Bento Pinheiro Caldas Guimaraens, pai do poeta, morava, em 1861, na casa com o n.º 43 da rua das Flores; por intermitência, fôra ele vereador do município do Porto, e algumas vezes solicitado, em momentos de graves crises políticas, para servir em comissões municipais que substituíram vereações eleitas – o que prova seu grande prestígio na sociedade portuense. Por estas e muitas outras razões, merece Bento Pinheiro Caldas que se lhe consagre extenso estudo, que está por fazer. Um tio paterno de António Pinheiro Caldas, José Pinheiro Caldas Guimaraens, fôra igualmente negociante com casa comercial na rua das Flores, ao n.º 154, tendo, talvez, aí, sua residência.

11 Cf. Artur de Magalhães Basto, *Figuras literárias do Porto*, págs. 36-37. – Se A. Pimentel – ao escrever, e com razão, sobre a influência da poesia romântica nos lares burgueses da freguesia da Sé (da qual, como já sabemos, a importantíssima e afamadíssima rua das Flores era a principal artéria) e nos da freguesia de S. Nicolau (próxima desta rua), – se Pimentel (dizíamos) se refere apenas à revista *Grinalda* (sem citar «O Bardo»), é para assim tirar um fácil efeito literário, relacionando o título daquela revista com as grinaldas de flores de laranjeira que as noivas ostentavam na cerimónia do casamento, simbolizando pureza, virgindade.

rua das Flores – teve intensa vida literária e social. Quando jovem, participou daqueles abadessados e outeiros que nos conventos de freiras reuniam os irrequietos vates românticos do Porto; foi amigo dos melhores escritores e poetas portuenses como Novaes e Camilo Castello Branco; frequentou os grupos formados por literatos que se encontravam nas redacções das conhecidas revistas de poesia em que colaboravam; andou pelos turbulentos cafés e botequins da moda. Teve carro puxado a cavalos; deu saraus em sua casa, um deles com a participação do pianista brasileiro Ricardo Ferreira de Carvalho a cujo concerto, no Teatro São João, assistiu, em 1863, e durante o qual recitou uma poesia em homenagem ao artista; ainda em 1863, leu ao rei a alocução que redigira, em nome do povo portuense, aquando da manifestação de apoio a D. Luís I, que arrancou da rua das Flores, onde o poeta residia; colaborou nas revistas poéticas e publicou, em livro, os seus versos. Viajou para Paris; deslocou-se, por duas vezes, ao Brasil; e, em 1872, assistiu à recepção em honra do imperador do Brasil D. Pedro II e de sua esposa D. Thereza Christina, que teve lugar no Teatro São João, onde Pinheiro Caldas recitou, em presença dos soberanos, «uma composição poética, que foi repetida e mereceu muitos aplausos». António Pinheiro Caldas é o paradigma do poeta ultra-romântico portuense¹².

Pode, pois, dizer-se que nos meados do XIX.º século, a rua das Flores foi ponto elevado da tradicionalmente animada vida comercial do Porto; e que nela residiram poetas-negociantes ligados às mais prestigiosas revistas românticas do seu tempo. A rua – escreve um cronista do Porto – «viveu, como nenhuma outra artéria do burgo, intensa e apaixonadamente a maré alta do romantismo portuense. A época dourada do idealismo e do sonho»¹³.

12 Sobre Pinheiro Caldas, existe vasta bibliografia. Os primeiros extensos estudos críticos sobre sua vida e sua obra, são os da nossa autoria. Além das nossas obras já citadas, referir-nos-emos, a, ainda da nossa autoria, *António Pinheiro Caldas. Bibliografia* [activa e passiva], «Gil Vicente», Guimarães, janeiro-dezembro de 2003, págs. 67-87. *Vid.*, tb., J. A. Corte Real, M. A. da Silva Rocha, A. M. Simões de Castro, *Viagem dos imperadores do Brasil em Portugal* (Coimbra, 1872), com referências a Caldas nas págs. 124 e 337. – Numa das viagens ao Brasil, Pinheiro Caldas quis colocar, nesse país, a 2.ª ed. das suas *Poesias*, na ilusão de realizar, com esse e outros projectos, vultosos benefícios. Só obteve fracassos. Um dos exemplares das *Poesias* deixado, provavelmente, por ele, no Brasil, foi adquirido, para Amorim de Carvalho, no alfarrabista porto-alegrense Martins Livreiro. Com encadernação muito usada, conserva o belíssimo retrato que o poeta fez em Paris. O volume apresenta, colado na face interior da encadernação, pequeno mas curioso impresso publicitário que assim reza: «Livreria Americana / de Carlos Pinto & C. / 105 Rua Andrada Neves 105 Sobrado / Pelotas / Livros impressos e em branco. Objectos de es-/criptorio e de engenharia. Medicamentos homeœpa/thicos. Sementes de todas as qualidades. Cartões de / visita e cartas de casamento. Livros feitos por en/commenda e encadernações bem feitas. / Preços do Rio de Janeiro». Na página de guarda avulta carimbo oval, a tinta preta: *Livraria Americana / Pelotas / Carlos Pinto & C.a*. Na mesma página, uma bela assinatura de posse, a tinta preta: *Eduardo Secco*. No verso da folha que reproduz a fotografia parisiense do poeta, foi aplicado um carimbo de posse, oval, a tinta azul: *Eduardo Secco / Porto Alegre*. O exemplar adquirido nesses confins platinos, está, hoje, catalogado na secção Autores da Família, da Biblioteca da Casa Amorim de Carvalho, sob o n.º 539/00/C.

13 Germano Silva, *Porto – uma cidade a descobrir*, Lisboa, 2002, pág. 17.



António Pinheiro Caldas, o poeta romântico que residiu na rua das Flores na época em que nela moraram os próximos ascendentes de Ribeiro Tacques, nos meados do séc. XIX. Retrato feito em Paris, com a reprodução da assinatura do poeta portuense (ilustra a 2.^a ed. das suas Poesias, 1864)

A MELHOR BURGUESIA

Na rua das Flores «viveu a melhor burguesia tripeira dos séculos XVII e seguintes»¹⁴.

Lá pelos começos do século XIX, um certo João Joze da Silva residia, com sua mulher Anna Joaquina Soares da Silva, no seio dessa «melhor burguesia» portuense, na rua das Flores. Não sabemos onde nasceram; mas sabemos que o marido era filho de outro João Jose da Silva e de Maria Jo-

14 Id., *ibid.*, pág. 17. – *Tripeiro* é epíteto dado aos naturais do Porto por, segundo se diz, estes terem conservado para si as tripas dos animais que abateram, reservando a carne de melhor qualidade, como contribuição sua, para a expedição que em 1415 conquistou Ceuta aos mouros, – acontecimento de alta importância histórica, início da expansão portuguesa para fora do continente e, conseqüentemente, do desenclausuramento da Europa.

aquina de Jesus, tendo sua esposa por pais a Jose Joaquim Soares e Maria Benta de Jezus. O casal João Joze-Anna Joaquina teve pelo menos duas filhas. Uma delas foi baptizada, com o nome de Clara, no 1.º dia do mês de setembro do ano de 1827, na Sé-Catedral do Porto; nasceu quase de certeza – podemos dizê-lo – na rua das Flores, pois nessa artéria da freguesia da Sé moravam os pais na altura do seu nascimento ocorrido aos 30 dias do mês de agosto do mesmo ano. A outra filha do casal chamava-se Anna Amália Leopoldina; e como foi madrinha de baptismo da Clara, pode presumir-se que a afilhada nasceu bastantes anos depois daquela. O padrinho foi Manuel Francisco Leite, de quem tudo ignoramos. Estas informações são-nos dadas pelo assento de baptismo da Clara, cuja cópia, devidamente autenticada, se encontra no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho¹⁵. Não conhecemos as profissões nem os meios de subsistência do pai e dos avós da Clara.

Quando esta se casou com Miguel Carlos dos Santos, residia, a noiva, ainda, na rua das Flores, certamente no domicílio de seus pais. O matrimónio teve lugar, obviamente, na Sé-Catedral do Porto; a cerimónia realizou-se a 19 de outubro de 1850, como se lê no assento de casamento o qual nos indica, outrossim, ter a mãe da Clara – a já referida Anna Joaquina – um irmão de nome Antonio Joze Soares Silva que, sendo testemunha neste casamento, residia também na rua das Flores. Outra testemunha deste matrimónio foi Justino Ferreira Pinto Basto, «da rua da Boa hora». Ambas as testemunhas assinaram o respectivo acto matrimonial¹⁶. Se também ignoramos a actividade profissional do marido da Clara e as fontes de subsistência do casal, podemos afirmar que Miguel Carlos dos Santos tinha exacta compreensão das complicações que podiam resultar de actos jurídicos defeituosamente estabelecidos, como se deduz dum requerimento, por ele redigido, para que se corrigissem assentos de baptismo lavrados com erros – o que tende a demonstrar que possuía boa cultura, confirmada pela sua bela escrita e bela assinatura no referido requerimento¹⁷.

O casal Miguel Carlos dos Santos-Clara (a qual, quando se casou, usava o nome de Clara Candida Soares da Silva) teve, que descobríssemos, quatro filhos, três rapazes e uma rapariga. Esta, a mais nova dos irmãos conhecidos, foi baptizada com o nome de Maria (e passaria a usar o nome de Maria

15 Secção : GC, pasta 55. – Os documentos de estado civil a que nos havemos de referir neste estudo, e que se conservam no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho, estão autenticados.

16 Cópia do assento de casamento no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho, secção: GC, pasta 54.

17 Requerimento (datado de 18 de abril de 1860), para que a autoridade eclesiástica mande rectificar erros cometidos em assentos de baptismo de dois dos seus filhos, redigido em uma folha de papel selado, que se encontra colada entre as folhas 237v.º e 238 do livro, conservado no Arquivo Distrital do Porto, que contém os «Assentos dos Baptismos da freguezia da Sé Cathedral do Porto desde o mez de Janeiro de [...] [1850] anos». Existe cópia no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho, secção : GC, pasta 55.

Izabel Soares dos Santos): a menina, nascida aos 2 de julho de 1858, recebeu o sacramento do baptismo a 8 de agosto do mesmo ano, na Sé-Catedral do burgo portuense, porque os pais continuavam residindo na paróquia da Sé, no largo dos Loyos, situado muito próximo da rua das Flores. Padrinhos de baptismo foram «o Brigadeiro Francisco Cardoso Montenegro por procuração que [...] apresentou o Marchal Joze Vidal da Silva e D. Maria Ilena Ferreira Pinto Basto da rua de Sam Lazaro, [...] [sendo] testemunhas Joze de Pinho e Costa e seu filho Joze de Pinho e Costa Junior».

Dos assentos de baptismo dos três filhos rapazes (Alberto, João e Miguel) do casal Miguel Carlos-Clara Candida, fica-se a saber o seguinte: 1.º, do Alberto foi padrinho Antonio Joze Soares e Silva que, a 31 de agosto de 1851 (data de baptismo do Alberto), residia na rua das Flores, podendo o padrinho ser tio-avô da criança, o precedentemente nomeado Antonio Joze Soares Silva (irmão da Anna Joaquina Soares da Silva, mãe da Clara Candida) ou um seu filho que usasse, porventura, o mesmo nome que o pai; do mesmo Alberto foi madrinha «D. Maria Isabel Ferreira Pinto Basto^[18] da Rua da Boa hora [...] sendo testemunhas João Joze Alves e Andre Avelino» (cf. assento de baptismo do Alberto¹⁹); 2.º, só com o seu casamento é que a Clara Candida deixou a rua das Flores para residir, com o marido, na rua de Santo Eloy (cf. assento de baptismo do Alberto), e na rua de Dona Maria Segunda (cf. os assentos de baptismo de João e Miguel, respectivamente a 16 de julho de 1854 e 28 de dezembro de 1856); 3.º, do João «forão padrinhos Francisco de Pinho e Castro, e D. Camilla Ermelinda da Conceição tios do baptizado, [...] [sendo] testemunhas Joze de Pinho e Costa e seu filho Joze de Pinho», sem podermos saber se os tios do João são paternos ou maternos (tendo, para nós, que a Camilla Ermelinda da Conceição pode ser irmã de Miguel Carlos, pai do baptizado, pois a avó paterna deste último chamava-se Maria Ermelinda da Conceição, e que – mera suposição – Francisco de Pinho e Castro será marido dessa Camilla Ermelinda); 4.º, do Miguel «forão padrinhos Luiz Joze d'Oliveira e sua mulher D. Anna Roza Sacramento Barboza d'Oliveira do Largo dos Loyos [...] [e foram] testemunhas Joze de Pinho e Costa e seu filho Joze de Pinho e Costa Junior»; 5.º, apesar do casal Miguel Carlos-Clara Candida não ter, aparentemente, residido na rua das Flores, nunca deixou de habitar a freguesia da Sé a que pertenciam não só essa rua (onde a Clara Candida morou, com seus pais, enquanto solteira) mas também as ruas de Santo Eloy e Dona Maria Segunda e o largo dos

18 Pela leitura dos assentos que citámos, onde Ferreiras Pinto Bastos aparecem como testemunha e madrinhas em actos do estado civil, deduzir-se-á as relações de grande amizade que existiram entre esta família e a dos Santos-Soares da Silva.

19 As cópias dos assentos de baptismo dos quatro filhos de Miguel Carlos e Clara Candida encontram-se no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho, secção: GC, pasta 27.

Loyos (loais em que esse casal sucessivamente residiu – como vimos nos três assentos de baptismo citados neste parágrafo e no da Maria Izabel: logradouros estes que se encontram, aliás, muito próximos da rua das Flores).

Pelo que expusemos, com base nos documentos que, até hoje, descobrimos no Arquivo Distrital do Porto, – é-nos permitido afirmar que boa parte dos ascendentes de Maria Izabel Soares dos Santos, a saber: Clara Candida (mãe), João Joze da Silva e sua mulher Anna Joaquina Soares da Silva (avós maternos), Antonio Jose Soares Silva ou Soares e Silva (ascendente colateral, tio-avô), elegeram domicílio, nos primeiros anos e nos meados do século XIX, na célebre rua das Flores, onde, pela mesma época, residiram ou tiveram casas comerciais – como mostrámos noutro capítulo – alguns dos mais conhecidos poetas românticos do Porto, redactores de revistas literárias, com especial relêvo para António Pinheiro Caldas e seus parentes, que foram personalidades em foco na afamadíssima artéria portuense: a família Santos-Soares da Silva dificilmente poderia ter deixado de os conhecer.

PEREGRINAÇÃO

Ora bem. A Maria Izabel Soares dos Santos – a filha de Clara Candida Soares da Silva que nascera na rua das Flores – a Maria Izabel (dizíamos) partiu, ainda muito menina, para o Brasil. Quando? Por que razões? Em que condições? Foi viver com quem? Mistério. Drama familiar, por doença ou morte dos pais? Nada sabemos. O que é certo é que ela se afastou da pátria – ou, como preferimos dizer, da mátria, isto é, daquele solo no sopé da colina em que se edificara a Sé-Catedral portuense, chão onde sua família materna residira por tantos anos, na antiquíssima rua das Flores. Maria Izabel emigrou para o Brasil, e ficou a viver no Rio de Janeiro. Nesta cidade se casou com um jovem brasileiro: João Severino Ribeiro de Almeida Tacques²⁰, descendente da mais notável aristocracia europeia.

Não teria cabimento descrever, *hic et nunc*, com algum desenvolvimentos, a ascendência de João Severino; limitar-nos-emos a indicar que seu sexto avô, Lourenço Castanho Taques, era irmão inteiro de Pedro Taques de Almeida que por petição sua e por ter provado ser «descendente das nobres e illustres famílias dos Taques, Proenças, Laras, e Moraes, que n'este reino [de Portugal] são fidalgos antigos de cotta de armas, por ser filho legitimo do capitão Lourenço Castanho Taques, e de sua mulher D. Maria de Lara, naturaes e moradores na [...] villa de S. Paulo [no Brasil], neto por parte paterna de Pedro Taques, natural da villa de Setubal, e baptisado na freguezia

20 Tacques ou Taques. A primeira forma foi preferida, a partir do século XIX, pelos legítimos detentores deste apelido.

de S. Julião [em Portugal], e de sua mulher D. Anna de Proença, natural da dita villa de S. Paulo; e pela parte materna de Diogo de Lara, e de sua mulher D. Magdalena Fernandes de Moraes, naturaes da dita villa de S. Paulo», recebeu braço de armas de Antonio de Aguiar, rei de armas Portugal e principal do rei D. João V, em Lisboa, a 5 de julho de 1707²¹. Relativamente àquele Pedro Taques natural de Setúbal: provém ele dos «Tacks ou Tassis da Bélgica, que depois se tornaram os La Tour e Tassis [Thurn und Taxis germânicos]», com origens na linhagem italiana dos Tassi (Tasso)²².



João Severino Ribeiro de Almeida Tacques e sua esposa Maria Izabel Soares dos Santos, pais de Carlos Alberto Ribeiro Tacques

Também a ascendência de João Severino Ribeiro de Almeida Tacques, por outros ramos que não os dos Tacques, é notabilíssima; entronca ele numa ancestralidade de invulgar compleição, tendo por antepassados, os Lemes (de origem flamenga, nobilitados em Portugal por serviços presta-

21 Visconde de Sanches de Baena, *Archivo heraldico-genealogico*, vol. I (*Archivo e suplemento*), 2.ª ed. (numerada e rubricada), 1991, págs. 685-686 onde se encontra a «Copia do braço de armas do capitão Pedro Taques de Almeida, existente no archivo da camara de S. Paulo da provincia do Rio de Janeiro».

22 F. A. Carvalho Franco e Roberto Thut, *Achegas a um brasonário paulista. Pedro Taques de Almeida*, São Paulo, 1944.

dos à Coroa) e personalidades como o Marechal Bento Manoel Ribeiro, o maior génio militar brasileiro, Jerónimo d'Ornellas de Menezes e Vasconcellos, o nobre patriarca madeirense estabelecido no Continente do Rio Grande de S. Pedro, alguns dos mais notáveis bandeirantes, etc.²³

Transcrevemos a cópia do assento de casamento do nobre João Severino Ribeiro de Almeida Tacques com Maria Izabel Soares dos Santos, tal como se encontra no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho²⁴, autenticada pelo cônego Aroldo da Silva Ribeiro do Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro:

Revendo o Livro 15 de Casamento (notação 896), folha 5v, da Freguesia de Santo Antônio dos Pobres, extraímos o seguinte assento: [...] Aos vinte e quatro de Julho de mil oito centos e setenta e cinco n'esta Matriz da Gloria na forma do Sagrado Concilio Tridentino e Constituição do Bispado assisti ao Sacramento do Matrimonio que com palavras de presente contrahirão João Severino Ribeiro de Almeida Taques, filho legítimo de Severino Ribeiro de Almeida e Eufrazia de Oliveira Ribeiro, natural e baptizado na Freguesia do Alegrete no Bispado do Rio Grande do Sul, e Maria Izabel Soares dos Santos, filha legítima de Miguel Carlos dos Santos e Clara Soares da Silva Santos, natural e baptizada na Freguesia da Sé da cidade do Porto e ambos moradores n'esta da Gloria, e lhes de as Benções nupciaes, sendo testemunhas os abaixo comigo assignados; da Provisão que apresentarão consta se acharem em tudo habilitados na Câmara Ecclesiastica: de que fiz este assento. / O Vigario Joaquim Jose Da Costa Guim.es / Joaquim José Palhares / Fran.^{co} de Paula Pachares [sic; deve ler-se, provavelmente: *Palhares*].

Pode dizer-se que, no que respeita à noiva, a única informação útil dada por este assento (isto é, que não se saiba já por documentos anteriores), é a de que, quando a Maria Izabel se casou (aliás muito jovem, com dezesseite anos), residia na freguesia da Glória, na cidade do Rio de Janeiro. Com quem residia? Ignora-se. O assento acima transcrito dá, na realidade, reduzidas informações sobre os conjuges, não dissipando a espessa bruma que encobre a vida da menina portuense que, na segunda metade do XIX.^o século, viajou para o Brasil, aí se radicando e aí deixando nobre e vasta progenitura²⁵.

23 Vid., no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho, na secção : GC, *Uma estirpe luso-brasileira. Sua origem europeia e sua dimensão atlântica. Estudo genealógico*.

24 Secção : GC, pasta 26.

25 Não temos podido levar mais para diante as investigações sobre este momento crucial das famílias Soares dos Santos e Ribeiro de Almeida Tacques: múltiplos afazeres e estudos por nós levados a cabo noutros domínios do conhecimento, têm-no-las impedido. Mas, agora, mais uma vez constatamos, numa família brasileira (neste caso – a dos descendentes daqueles Soares dos Santos e Ribeiros de Almeida Tacques – família com certo relêvo social), – mais uma vez constatamos, numa família brasileira dizia-

Já viúva de João Severino, Maria Izabel viria a falecer no seu domicílio, em Porto Alegre, a 30 de novembro de 1935. O assento de óbito indica que era «dona de casa» e que o atestado de óbito dera como causa da morte «Caquexia senil», declarando mais o referido assento que «A finada não deixou bens». Foi sepultada no cemitério São Miguel e Almas, de Porto Alegre.

ACHEGUILHOS PARA UMA BIOGRAFIA

O casal Severino Ribeiro de Almeida Tacques²⁶-Maria Izabel Soares dos Santos tivera, entre outros dos quais tudo desconhecemos, os sete filhos que a seguir indicamos: Carlos Alberto Ribeiro Tacques, Rachel Tacques, Alice Tacques, Sylvio Romero Ribeiro Tacques, Laura Tacques, Estela Tacques, Benevenuta Tacques²⁷. A ordem da enumeração não corresponde obrigatoriamente à dos nascimentos desses sete irmãos, cujas datas, para cinco deles, ignoramos. Também não sabemos se Carlos Alberto é ou não o primogénito; mas tivemos a informação de que a Rachel nasceu, como ele, no Rio de Janeiro, antes, portanto, que seus pais se instalassem no Rio Grande do Sul; teriam nascido já neste estado os últimos quatro irmãos acima indicados? Provavelmente. Alice Tacques nasceu em Porto Alegre. Ao contrário dos outros cinco irmãos, Rachel e Benevenuta não tiveram descendência.

mos), a perda rápida, em uma ou duas gerações, da memória da sua recente ascendência, pelo menos em alguns ramos. Já noutra ocasião, verificávamos o mesmo lamentável fenómeno, a respeito de família sul-rio-grandense – a dos Callages: esta, ao contrário da precedente, com poucos pergaminhos, na verdade, ainda que dando dois nomes ilustres à cultura brasileira na primeira metade do século XX. A respeito dos Callages escrevêramos: «O que é de admirar é a rapidez – duas gerações – com que se perdeu, neste ramo familiar, a lembrança precisa da [sua] origem [...]. Um tal desperdício na tradição de uma família, é caso raro». Afinal, não tão raro como isso... Para a citação atrás, *vid.* Júlio Amorim de Carvalho, *Apontamentos para uma biografia de Fernando Callage*, em Magda Cidade & Christina Dias, «Fernando Callage. Cena & palavra», Porto Alegre, 2005, pág. 74, nota ³.

26 Segundo sua neta Leny Tacques Soares, foi agrimensor (informação fornecida, em Porto Alegre, ao autor deste estudo). Em certidão do assento de nascimento de sua filha Alice Tacques, lê-se: «[...] o Doutor José [é erro; deve corrigir-se para: João] Severino Ribeiro de Almeida Taques, empregado público [...]» (Arquivo da Casa Amorim de Carvalho, secção: GC, pasta 13).

27 Rachel casou-se duas vezes em Porto Alegre, sendo o segundo matrimónio com Clementino Agapito; faleceu em Ivoty, Rio Grande do Sul. Alice: ainda a conhecemos na sua residência, em Porto Alegre, lembrando-nos com saudade do seu aspecto altaneiro e distinto, maneiras finas requintadamente aristocráticas; o tratamento para conosco fôra, de sua parte, marcado por certo distanciamento e velada ironia, certamente por, em nós – o noivo de sua neta Maria Cristina – ver o peregrino (que se lhe apresentava sem afirmada ascendência nobre) vindo da sua já, no tempo e no espaço, muito longínqua mãe-pátria; morreu em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, em 1977. Sylvio Romero casou-se em Porto Alegre com Almira Barth; veterinário, coronel do exército; em outubro de 1949, residia no Rio de Janeiro, na situação de reformado. Laura casou-se em Porto Alegre com Gaspar Borges; morreu na mesma cidade. Estela consorciou-se, também em Porto Alegre, com Humberto Folli; e nesta cidade faleceu. Benevenuta, que morreu no Rio de Janeiro, aí se casara com Carlos Vianna Freire (nascido em 1900, professor de botânica nessa cidade: cf. *Relação dos objectos conservados na Casa Amorim de Carvalho (Casa do Bonfim)*, n.º 78).



Fotogr.^a publicada na «Revista Illustrada do O Rosicler», Santa Maria, 27 de janeiro de 1921 (exemplar raríssimo)

Carlos Alberto Ribeiro Tacques nasceu, como se disse, no Rio de Janeiro, aos 19 dias do mês de março do ano de 1879 em freguesia e bairro que ignoramos²⁸. Ainda menino de colo foi, com seus pais, para o Rio Grande do Sul. Não sabemos o que terá motivado a transferência da família, fixando-se ela, provavelmente, na capital do estado. Nesta cidade, no Colégio Rio Grandense (de Apeles Porto Alegre), seguiu Ribeiro Tacques parte do curso secundário. Por volta de 1895, matriculou-se na Escola Militar da capital do Rio Grande do Sul, mas a breve prazo abandonava a carreira das armas. Segundo Álvaro Porto Alegre, Ribeiro Tacques se interessou, desde muito

28 Deixamos aqui um apêlo aos historiadores e genealogistas para que se empenhem em elucidar este como outros aspectos que não pudemos solucionar no presente trabalho. Fica legitimado, em nossa opinião, esse esforço investigador, no indiscutivelmente curioso posicionamento das famílias Ribeiro de Almeida Tacques e Soares dos Santos em um dado período da evolução sócio-cultural luso-brasileira. – A biografia de Carlos Alberto Ribeiro Tacques vai ser construída, aqui, a partir, como se disse no Antelôquio, de documentos existentes na Biblioteca e no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho; como em certos raros casos não damos, a par e passo, as referências bibliográficas do que afirmamos, remetemos o leitor e o investigador para o «Ficheiro de referências genealógicas» daquele Arquivo, onde se encontra – indicada com a maior precisão – a bibliografia que concerne às pessoas estudadas neste ensaio.

cedo, pela criação literária e a dispersão do seu espírito nesse sentido, não terá permitido que ele fosse aluno exemplar; mas nem por isso deixava de obter resultados satisfatórios nos exames finais. Com 23 anos, publicava uma coletânea de poesias a que dera o título de *Loucuras*. Corria o ano de 1902. Por essa época, o jovem poeta estava muito ligado ao município de Triunfo. Álvaro Porto Alegre atribui-lhe a criação da revista «Ideal», fundada, nessa vila, também em 1902, «trazendo na capa –Publicação mensal – consagrando-se à literatura, arte e ciência». Da redacção da revista fizeram parte, além de Ribeiro Tacques, J. Belém, Francisco Chagas, Ivalino Brum e Macedo Coelho; o periódico teve, como colaboradores, alguns homens de prestígio: Alcides Maya, Caldas Júnior, Mário Totta, Zeferino Brasil, Pedro Velho, Álvaro Porto Alegre, Arnaldo Damasceno Vieira. A publicação pouco duraria, no entanto. Mas no jovem Ribeiro Tacques, o gosto pela arte aparecia já associado à iniciativa pessoal para a criação de órgãos de promoção literária. Marino Josetti de Almeida põe precisamente em evidência esta faceta da personalidade de Ribeiro Tacques, em volta do qual se agrupariam «os mais destacados elementos sociais, com apoio da municipalidade» de Triunfo para, por intermédio duma associação por eles criada e legalizada, fazerem aí «reviver o Grémio Dramático Damasceno Vieira»: a 6 de agosto de 1910 tomou posse a sua primeira directoria cuja presidência ficou, naturalmente, nas mãos de Carlos Alberto Ribeiro Tacques. A associação «apossou-se, então, do Theatro ao abandono installando nelle sua séde». «Lufada vivificadora», escreve Josetti de Almeida, para a vida cultural do município: «É que presidia à renascença [da arte dramática em Triunfo] o fino espírito dum literato, que penetrou nos dos demais, em irradiações luminosas, infiltrando-os de amor pelas bellezas da vida e pelas radiosas subtilezas da arte immortal», prossegue ele, em estilo algo empolado. Representaram-se no Theatro de Triunfo diversas peças, com destaque para as do dramaturgo português Júlio Dantas. De Ribeiro Tacques, foi encenada, provavelmente em 1910, *A rajada*²⁹ que, como refere ainda Josetti de Almeida, «é filha dilecta daquela época e daquele meio, saturado de idealismo romantico, poesia, festas e alegrias uteis e confortantes. O autor a escreveu sem pretensões a obra de impeccavel technica theatral, genero de litteratura a que, confessou, não se dedicára ainda. Cedeu, ao fazel-a, a instantes rogos de seus consocios. Não obstante, a these desenvolvida, comquanto subordinada ao numero de amadores de diversos generos, difficuldade a vencer, é simples, suggestiva e mesmo original, desenvolvida em escoreita forma vernacula»³⁰.

29 *A rajada* seria publicada em 1911, em Porto Alegre.

30 Marino Josetti de Almeida, *O municipio de Triumpho*, «Revista do Instituto Historico e Geographico do

Mas a ligação de Ribeiro Tacques com a vila de Triunfo não se limitou à actividade literária; estendeu-se à vida afectiva, pois a 20 de março de 1905, na igreja de Bom Jesus de Triunfo, realizava-se o casamento católico do dramaturgo com Maria Jozé Henriques que pertencia a família aparentemente bem radicada nesse município³¹. Transcrevemos a certidão de narrativa completa do respectivo assento de casamento, fornecida, a nosso pedido, pelo Arquivo do Arcebispado de Porto Alegre:

Certifico que no livro número 08 de assentamentos de Casamentos da Igreja de Bom Jesus de Triunfo na folha 27 verso acha-se o seguinte: CARLOS ALBERTO RIBEIRO TACQUES e MARIA JOZÉ HENRIQUES. Aos vinte dias do mez de Março do anno de mil novecentos e cinco, nesta matriz do Triumpho, as quatro horas da tarde, na presença do Reverendo Vigário de São Jeronymo Padre Jozé Maria Maozerati auctorizado pelo Snr. Bispo D. Claudio Jozé com as dispensas dadas pelo mesmo, receberam-se em Matrimonio em que expressaram seu mutuo consenso, Carlos Alberto Ribeiro Tacques, com a idade de vinte e seis annos, filho legitimo de João Severino Ribeiro de Almeida Tacques e de Dona Maria Izabel dos Santos Tacques, com Dona Maria Jozé Henriques de idade de vinte e cinco annos, filha legitima de Francisco das Chagas Henriques e Dona Maria Manoela de Andrade Henriques. Elle natural do Rio de Janeiro e ella deste Estado. Logo receberam as benções Matrimoniais. Em prezença das testemunhas abaixo assignadas. Jozé Maria Maozerati. Manuel Luiz de Almeida. João E. da Cunha³².

Deste casamento nascerá o filho único Franciso Chagas Ribeiro Tacques³³.

E é já em idade madura, aos 27 de dezembro de 1920, que Carlos Alberto Ribeiro Tacques se forma em Direito pela Faculdade de Direito de Porto Alegre³⁴.

Rio Grande do Sul», Porto Alegre, III e IV trimestres de 1931, págs. 281-282.

31 Aquele Francisco Chagas (precedentemente citado) que pertenceu à redacção da revista «Ideal», de Triunfo, é talvez o mesmo que Francisco Chagas Henriques, concelheiro municipal da referida vila em 1895, certamente o sogro de Ribeiro Tacques. Note-se que este teve, da esposa, um filho a quem os pais deram o nome de Francisco Chagas.

32 Documento conservado no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho, secção: GC, pasta 13. – Como se conclui desta transcrição, também este assento foi, infelizmente, muitíssimo mal elaborado, sendo paupérrimas as informações que dá sobre os noivos e seus progenitores.

33 Bacharel diplomado pela Faculdade de Direito de Porto Alegre, em 1931 (cf. Rodrigues Till, *História da Faculdade de Direito de Porto Alegre. 1900-2000*, II tomo, Porto Alegre, pág. 667). Na obra *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros*, 4.º vol., Porto Alegre, 1958, publicado por quem usava o nome literário de Alzira Freitas Tacques, o filho legítimo do escritor é, a págs. 2772, nomeado, ao que parece, erradamente, como Francisco das Chagas Henriques Tacques.

34 Cf. R. Till, *ibid.*, pág. 656 onde o seu último nome – Tacques – está deturpado, por gralha, nas duas primeiras letras.

EM SANTA MARIA: O AUTARCA, POLÍTICO FRUSTRADO

É este intelectual, poeta e dramaturgo, homem de acção para a cultura, agora jurista recém-formado, que surge em Santa Maria, o burgo nascido da antiga praça militar da Bocca do Monte; o escritor aparece citado a págs. 14 da «Revista Illustrada do O Rosicler» de 27 de janeiro de 1921³⁵, como «distincto e conceituado advogado do fôro santa-mariense», – referência esta que acompanha um belíssimo retrato de Ribeiro Tacques.

Instalado em Santa Maria, vai Ribeiro Tacques, poucos anos depois, empenhar-se, tumultuariamente, na política local. Aí acabou por ter que enfrentar uma oposição pertinaz, insidiosa – por parte do cacique do partido republicano, Borges de Medeiros, e seus sequazes – que o amargurou. Relatemos resumidamente. Bozano, intendente³⁶ eleito de Santa Maria, é morto em 30 de dezembro de 1924³⁷. Em fevereiro do ano seguinte organizam-se eleições para a escolha do novo intendente. É eleito Carlos Alberto Ribeiro Tacques, com 1525 votos, contra Augusto José de Seixas que recolheu apenas 1318, havendo, portanto substancial diferença de 7,4% dos votos a favor do primeiro. Ambos os candidatos estão filiados no partido republicano de Borges de Medeiros. No entanto, vai iniciar-se uma feroz oposição ao intendente eleito, por parte dos seus correligionários, criando eles um ambiente desfavorável a Ribeiro Tacques com o apoio da máquina partidária de Medeiros, passando este a intervir activamente na vida política local.

35 Revista dirigida por Ibañez Verney. O referido número deste periódico tem colaboração de Roque Callage, Fernando Callage, Raul Bopp, Alceu Wamosi, Pery Mello, Marcello Gama, André Carrazoni, etc. O raríssimo exemplar, aqui citado, desta publicação (porventura também muito rara) encontra-se catalogado na hemeroteca da Casa Amorim de Carvalho, sob o n.º 6975 / 04; pertencera a Carlos Alberto Ribeiro Tacques, tendo passado para a posse de seu sobrinho Nilo Tacques Soares, e, após o falecimento deste último, sua mulher, Maria Callage Cidade, conservou-o cuidadosamente. – Aproveitamos a oportunidade para indicar que na pág. 21 do mesmo exemplar, se reproduz um estupendo retrato de Roque Callage que ilustra a colaboração do notável escritor natural de Santa Maria; desse retrato se inspirou Fernando Callage para o reproduzir em aguarela que se encontra hoje exposta na galeria da Casa Amorim de Carvalho.

36 *Intendente* : função que, no Brasil, corresponde, hoje, à de *prefeito* e, em Portugal, à de *presidente de Câmara municipal*.

37 Deram-lhe nome de rua, alterando o de uma das mais centrais artérias do município, o que constitui uma forma de vandalismo cultural, porque fazer desaparecer a toponímia mais antiga, é também atentar contra um aspecto do património histórico que deveria ser preservado. Bozano é uma impostura. *Vid.* Romeu Beltrão, *Cronologia histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho. 1787-1930*, 2.ª ed., 1979, págs. 522-524. Valemo-nos essencialmente desta obra para evocar o período de mais intenso e dramático activismo político de Ribeiro Tacques em Santa Maria. Cf., igualmente, de J. Belém, *Historia do município de Santa Maria. 1797-1933*, Porto Alegre, 1933, págs. 152-153. – Vem a talho de fouce mencionar a obra de Fernando Callage *Através do Rio Grande do Sul. (Aspectos e paisagens das regiões missioneira e serrana)*, São Paulo, 1928, pág; 102, onde o autor, influenciado certamente pela propaganda política local, sem controlar os factos, desatenta e imperdoavelmente escreveu, a respeito de Bozano, que este «morreu heroicamente, combatendo em defesa da legalidade», – o que não corresponde, minimamente, à verdade histórica; e, continuando a referir-se às administrações municipais de Santa Maria, prossegue com esta frase ambígua: «Depois a [administração] de Ribeiro Tacques!... Aqui faço um ponto de admiração...».

Ribeiro Tacques enfrenta os opositores: por um lado, não aceita integrar a nova comissão executiva do partido, e, por outro, recusa renunciar ao seu mandato. Organiza-se, então, o processo de cassação do mandato do intendente eleito (com base na lei orgânica do município), mas num contexto político de insegurança, viciado duplamente por acusações tendendo a destruir a honorabilidade do eleito («à distância no tempo, parecem irrelevantes as acusações» – escreve Romeu Beltrão) e pelas pressões e intimidações exercidas pela própria Brigada militar e pelo seu comandante geral em pessoa. Tacques defende-se na imprensa municipal das acusações que lhe são feitas e «impetra habeas-corpus preventivo» que lhe foi negado pelos tribunais. Em aplicação, de pura forma, da lei orgânica municipal, procede-se, a 5 de outubro de 1926 a nova consulta popular. No distrito de Silveira Martins não se votará, «porque a maioria dos mensários não comparece...» como consequência das intimidações a eles dirigidas. Nestas condições, Ribeiro Tacques não consegue reunir o número de votos mínimo exigido pela lei orgânica para poder manter-se nas funções de intendente. O concelho municipal considera, apesar de todos estes atropelos, a consulta válida, por 4 votos, 1 abstenção e 2 votos contra; o autor de um destes últimos, explicara, no entanto, por escrito, no momento da votação no concelho municipal, que o estado de sítio em vigor no Rio Grande do Sul, as intervenções prepotentes do presidente do estado, Borges de Medeiros, as intimidações da Brigada militar, etc., – invalidavam manifestamente a consulta popular. Inútil: Ribeiro Tacques é afastado do cargo electivo para que fôra escolhido³⁸: «Estava finda – diz Beltrão – a primeira cassação de mandato inten-

38 Não se julgue que a observância de tais métodos de pressão política, por parte dos que se apossaram do aparelho administrativo e estatal, com o objectivo de influenciar, condicionar o eleitorado, seja apanágio de uma insipiente, imperfeita democracia sul-rio-grandense. De maneira nenhuma! Os sistemas políticos chamados de democráticos recorrem, na sua generalidade, a tais processos. Ainda não há muitos anos, assistimos, em França, a procedimentos equivalentes aos que foram postos em prática, em Santa Maria, contra Ribeiro Tacques, com vista ao condicionamento da opinião pública, ao amedrontamento do eleitorado. É certo que o conflito que opôs Tacques a Medeiros, em sua insignificância, não tinha carácter ideológico determinante: era mais um caso de disputa pessoal, ainda que um e outro pudessem ter perspectivas divergentes em determinado aspecto da acção política; eram contradições secundárias dentro do sistema político vigente, ao qual, os dois adversários, não se opunham no fundamental, no essencial ideológico. Mas noutros casos, que não este, os conflitos podem resultar, efectivamente, de profundas divergências ideológicas; assim, se o sufrágio fôr considerado, em dado momento, como susceptível de alterar algo de ideologicamente essencial para os grupos, as oficinas, as nomenclaturas que tomaram conta do aparelho do estado e que se alardeiam de democráticos, – esses mesmos, então, se encarregarão de suprimir o sufrágio, de desvirtuá-lo, de adulterar o que estaria na sua essência. Para o democrata (ou o que é aceite como tal), o sufrágio não é, pois, um valor em si e por si: existe como forma política por ele considerada *ideal* para impor ou sustentar a *sua* ideia que tem-se verificado ser, naturalmente, ideia uniformizadora, homogeneizadora, destruidora de identidades diferenciadas, empobrecedora do humano para, afinal, impor um magma étnico indiferenciado numa permissividade generalizada – ou que para isso deverá tender. Logo, se o voto, por qualquer razão, não funciona no sentido de favorecer a

dencial ocorrido até então na República».



Reprodução da pág. 12 do n.º 80 (ano XVI) da «Revista Parlamento», editada em Porto Alegre. Ribeiro Tacques é o n.º 12

Foi certamente esta dolorosa experiência humana que levou Tacques a abandonar Santa Maria. De Santa Maria afastar-se-iam, por razões diversas, sem dúvida, alguns intelectuais de relêvo que nela tinham nascido: um Roque Callage, um Fernando Callage... Chegou também a vez de Ribeiro

imposição ou a sustentação dessa *ideia*, – então, o sufrágio será, como dissemos, regeitado ou pervertido. Mais uma observação: legítimo seria esperar que a longa experiência «democrática» (ou como tal considerada) levasse, por exemplo na Europa, com o andar dos tempos, a uma cada vez mais intensa prática do sufrágio popular, generalizando-o como consulta sobre todas as importantes problemáticas postas às sociedades europeias de hoje, – mas tem-se verificado, precisamente, o contrário; é que – se as populações fossem chamadas a exprimirem-se frequentemente, com lealdade, pelo voto, sobre os desafios postos à sociedade contemporânea, – o génio dos povos, das raças, das culturas, das etnias (digamos assim), levaria a regeitar, em muitos casos, aquela *ideia* uniformizadora e permissiva, a que atrás nos referimos, e que o sistema político vigente pretende, acima de tudo, impor. Afinal, a «democracia» redunda numa imensa impostura. Fechando esta já demasiadamente longa nota, diremos que não nos parecem de todo descabidas as reflexões que aqui deixamos sobre certos aspectos da prática e do pensamento políticos que interessam grandemente o momento dramático que os povos ocidentais actualmente vivem, – reflexões sugeridas pelos violentos ataques (exercidos pelo aparelho político estabelecido) de que foi alvo Ribeiro Tacques enquanto autarca eleito de Santa Maria.

Tacques que, este, a tinha procurado, mas ela fôra-lhe madrastra. Talvez que o fracasso político em Santa Maria fizesse nele ressurgir, intensamente, o antigo gosto pela criação artística; e é bem possível que a frustração na acção política o empurrasse, como uma forma de compensação, para nova vida, mais solta, tendendo mesmo para certa descontentação, certo indisciplinamento social.

E é o retôrno a Porto Alegre.





O centro de Santa Maria em 1925 e 1926, anos em que Ribeiro Tacques foi intendente do município: fotogr.^{as} extraídas de Santa Maria. Relatos e impressões de viagem (org. J. N.C. Marchiori e V. A. N. Filho), Santa Maria, 1997

A ARTE E O DRAMA AMOROSO

Residindo já na capital do estado, Ribeiro Tacques travou conhecimento, em 1931, com a poetiza mais tarde conhecida pelo nome literário de Alzira Freitas Tacques³⁹; era seu nome completo de origem: Maria Alzira Castilho Freitas; natural de São Borja, onde nascera em 1913, residia, desde há muito, na capital do Rio Grande do Sul. Deste relacionamento vai nascer uma ligação amorosa entre o intelectual já cinquentão, com família constituída, conhecido e apreciado nos meios literários porto-alegrenses, e a menina de dezoito anos, toda voltada, também, para a criação poética, e sedenta de emoções novas, sempre mais arrebatadoras, que aparecera já como autora de um livro de poesias editado alguns anos antes⁴⁰. Por 1933 – escreverá ela muitos anos depois – «estava eu comprometida em assuntos do coração» com Ribeiro Tacques⁴¹. Em 1935 «uniu o seu destino em flôr ao destino dêsse homem no outono da vida»⁴². Desse ajuntamento nasceria, cremos que em 1937, uma filha, muito referida pela mãe, em suas obras, sob o nome de Isis Freitas Tacques. Há, aqui, uma observação a fazer. A

39 Informação proveniente de Júlia Galeno. Vid. A. F. Tacques, *Perfis de musas...*, 5.º vol., Porto Alegre, 1958, pág. 3598.

40 *Plenilúnio*, 1927.

41 A. F. Tacques, *Perfis de musas...*, 2.º vol., Porto Alegre, 1956, pág. 1143.

42 Júlia Galeno. Vid. A. F. Tacques, *ibid.*, 5.º vol., págs. 3598-3599. – Esta informação e a precedente, de Júlia Galeno, foram-lhe, com certeza, directamente fornecidas pela autora de *Perfis de musas...*

poetiza sul-rio-grandense usou, como nome literário, posteriormente ao ano de 1935⁴³, o último apelido de Carlos Alberto Ribeiro Tacques, que juntou ao dela; pretendeu, ou deixou que outros insinuassem ou afirmassem ou acreditassem que se casara com o escritor exilado de Santa Maria. Nos livros que dela conhecemos, nunca deu a data do matrimónio, utilizando, pelo contrário, quando evoca o relacionamento com Ribeiro Tacques – o que é muito frequente nas suas obras –, expressões ambíguas, como «enlace», «unir seu destino», «união»⁴⁴, etc., para referir-se à amigação com este escritor. Terá contraído matrimónio no estrangeiro? Numa certidão de óbito do escritor⁴⁵, lê-se que, segundo o declarante, ele era «casado com Alzira Ribeiro Tacques pelo cartório da 2.^a zona» de Porto Alegre; mas não encontramos o assento de casamento.

Sem dúvida, como escreveu ainda Júlia Galeno, a amante de Ribeiro Tacques «Acompanhou-o [...] [nos últimos dezasseis anos da existência do escritor] com a maior dedicação [...]. Êle foi o companheiro ideal para o seu espírito. A poesia lhes foi o traço de união»⁴⁶. Mas a situação matrimonial irregular de Carlos Alberto Ribeiro Tacques (além de resultar no definitivo afastamento da família por ele constituída em Triunfo), criou profundo mal estar nos parentes do intelectual, fazendo surgir inequívoca e manifesta repulsão pela atitude por ele assumida. Este continuou, no entanto, a receber, de alguns outros familiares, provas de afeição. As mais significativas vieram, porventura, do sobrinho Nilo Tacques Soares, filho de Alice Tacques, o qual sempre manteve estreito relacionamento de amizade com o tio; e quando do matrimónio de Nilo Tacques Soares com Maria Callage Cidade⁴⁷, em 1945, este escolheu Ribeiro Tacques para testemunha tanto do casamento civil como do católico⁴⁸.

Além de ter exercido a advocacia, pelo menos em Santa Maria, Ribeiro Tacques foi professor na Escola Normal de Porto Alegre e Inspector escolar estadual, aposentando-se, aliás, como funcionário público. O proscrito

43 Em *Letras rio-grandenses* (antologia organizada por Guilhermina Krug e Nelly Rezende Carvalho, editada em Porto Alegre, em 1935), a poetiza é citada com o nome de Alzira Freitas, unicamente.

44 As duas últimas expressões foram utilizadas na sua obra *Perfis de musas...*, em nota (atribuída ao editor) para servir de apresentação da autora que a deve ter, ela mesma, redigido.

45 Arquivo da Casa Amorim de Carvalho, secção: GC, pasta 13.

46 *Vid.*, A. F. Tacques, *Perfis de musas...*, 5.º vol., pág. 3599.

47 Sobrinha materna dos escritores Roque e Fernando Callage.

48 Cf. os respectivos assentos no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho, secção: GC, pasta 6. – Sobre Nilo Tacques Soares (que também poetou em belas estrofes de gosto clássico, e esteve muito relacionado com a intelectualidade porto-alegrense e uruguaia) escrevêmos extenso estudo biográfico em que incluímos uma análise rítmica das suas poesias, seguindo-se um resumo da genealogia descendente e ascendente deste sobrinho materno de Ribeiro Tacques. O nosso trabalho, profusamente ilustrado, ainda se encontra inédito.

de Santa Maria, ao instalar-se na capital do estado, soube manter intensas relações com intelectuais e literatos sul-rio-grandenses; conhecido e admirado nesse meio, com eles conviveu – em convívio um tanto boémio que poderá estar na origem da relação amorosa que veio a estabelecer-se entre ele e a poetiza que viria a ser conhecida, literariamente, por Alzira Freitas Tacques, a quem já longamente nos referimos. Fôra ele um dos sócios fundadores da primeira Academia Sul-rio-grandense de Letras, e membro da que lhe sucedeu, onde ocupou a cadeira de Irineu Trajano; fez parte da Sociedade de Homens de Letras do Brasil e da Confraternité Universelle Balzacienne de Montevidéo, tendo sido presidente honorário da Sociedade de Cultura Literária. Como pôde escrever a sua companheira, «foi sempre um grande, exaltado e fervoroso admirador [...] [de] Getúlio Vargas. / Militou mesmo, com ardor, nas fileiras do [...] Partido Trabalhista, quando da sua fundação. / Imenso foi o choque que recebeu, com a deposição do insigne Estadista em 1945 [...]»⁴⁹. Nessa perspectiva, deu alguma colaboração à imprensa sul-rio-grandense. Mas o seu getulismo tomava mais a feição de um morno populismo socializante e nacionaisco, acomodando-se, afinal, aos interesses representados pelas «bandeiras aliadas» dirigidas pelos americanos do norte, – era mais isso do que a elevação ao sedutor espírito revolucionário, viril, e irreverencioso – *cara al sol* – da falange espanhola ou do fascismo italiano⁵⁰. Mas não será na actividade forense, nem na acção política, tampouco no exercício de funções administrativas, que a personalidade de Ribeiro Tacques se afirmará mais caracteristicamente. Com certeza que o fracasso na política, em Santa Maria, o terá desviado, como demos a entender, de um caminho para o palmilhar do qual ele se sentiria talhado; mas a vida é feita de imprevistos que levam à retomada de sendas há muito perdidas, resultado de frustrações passadas, e de compensações – e, nessas direcções retomadas, os homens encontram novas razões de existir.

De qualquer modo, a arte – que ascendeu, no espírito de Ribeiro Tacques, à função privilegiada que já fôra a sua, na juventude do escritor, – viria dar, na alma emotiva do poeta, significação à vida, ainda que atribulada, no âmago duma realidade que incontornavelmente o envolvia. O escritor expressou esses sentimentos, numa tentativa para sistematizar as suas ideias. Identificou a arte com o «sentido profundo da vida», na me-

49 Alzira Freitas Tacques, *Rosas na manhã de sol...*, Porto Alegre, 1951, pág. 48.

50 Ribeiro Tacques chega, infelizmente, a escrever conflagradores e falaciosas banalidades, em género publicitário ou propagandístico de baixo coturno, como estas: «[...] se organizou a Fôrça Expedicionária Brasileira – a gloriosa F. E. B. – que tantos louros conquistou para o Brasil, desfraldando a nossa bandeira ao lado das bandeiras aliadas, no campo de batalha da Itália, contra o barbarismo e o imperialismo nazifascista [sic]» (excerto do artigo *Rio Grande, sentido!* publicado no «Correio da Noite», Porto Alegre, 4 de agosto de 1945, transcrito em A. F. Tacques, *ibid.*, págs. 62-64).

dida em que ela e só ela facultará ao ser humano a alegria: «Eu me refiro – diz Tacques – a essa alegria, serena, sossegada, que toma resolutamente o leme à vida [...] quando se desencadeiam procelas...»; «Essa alegria redentora só no-la pode dar a Arte». Ribeiro Tacques admite mesmo, valorizando teses por outros formuladas, que a «contemplação da beleza» exercerá, à *la longue*, «uma influência eminentemente modeladora nos laboratórios misteriosos da vida humana...», qualquer que seja a forma em que o belo se manifeste: «Vêde o escultor... Vêde agora o pintor... Vêde ainda o músico... Vêde, finalmente, o escritor...». «Tenho para mim – acrescenta ele – que a verdadeira arte [não a das «formas monstruosas», não a das «cenas degradantes», não a dos «sentimentos bastardos, requebros e atitudes canalhas», nem a que «glorifica sem pudor o reinado do Mal, prega a dissolução da família, rebaixa e corrompe o amor»], aquela [arte] que deve ser cultivada [...] não consiste exclusivamente na impecabilidade da técnica, mas também na quantidade e qualidade de ideal que ela incorpora à corrente vitoriosa do progresso moral»⁵¹. E, no conflito – que foi, para Tacques, ao fim e ao cabo, insolúvel – entre a estabilidade da família e o amor, ele é, ao fim de tudo, um poeta; e a poesia, para ele, é a síntese de todas as artes e da própria vida e de toda a realidade: porque, se «o escritor, o orador, o poeta [...] [já tomam] da escultura as atitudes e a forma, da pintura a côr e o relêvo, da música o som e o ritmo», o poeta, esse, vai ainda mais longe ou mais alto: «proclama, numa linguagem de deuses, as belezas indefiníveis da vida, os encantos da natureza, as revoltas sublimes do sentimento, a doçura e a suavidade divinal das mulheres»⁵².

É esse Ribeiro Tacques-poeta que vamos agora evocar.

DA POESIA

Uma das facetas literárias de Ribeiro Tacques que merece ficar evidenciada – e que já conhecemos – é a de dramaturgo. Vimos que o escritor publicara em 1911 uma peça, *A rajada*, em 4 actos, que fôra representada em Triunfo, provavelmente no ano anterior. Também escreveu *Sonho extinto* (drama em 3 actos) e *Depois do baile (lever-de-rideau)*, encenados, talvez em

51 Extractos de uma conferência de Ribeiro Tacques, a págs. 130-134 de *Letras rio-grandenses* (compilação de G. Krug e N. R. Carvalho) e, com alterações que não nos parecem justificadas, a págs. 69-71 de *Rosas na manhã de sol...* de A. F. Tacques. A conferência já fôra publicada no periódico «A Pena», editado, em Porto Alegre, pela Associação de Cultura Literária. A Biblioteca da Casa Amorim de Carvalho possui um exemplar de «A Pena» datado de novembro de 1948 (que é uma raridade bibliográfica), catalogado sob o n.º 5722 / 37 / (2).

52 Vid. conferência atrás citada.

1912, por artistas amadores, em Porto Alegre⁵³. Das produções de Ribeiro Tacques neste género literário, nada mais conhecemos. Mas pode dizer-se que o gosto do escritor pela criação dramática, em certo momento da sua vida, foi intenso, pois compôs, como se viu, três peças em período que não excede três anos, entre 1910 e 1912. Desse gosto pela arte dramática, temos ainda vestígios, a nosso ver, em certos escritos com o carácter de artigos, mas aos quais Ribeiro Tacques deu, em grande parte, a forma dialogada; foram – os de que tivemos conhecimento por transcrições em livro de Alzira Freitas Tacques – publicados, em 1945, no jornal porto-alegrense «Correio da Noite».

Mas é o género poético que particularmente o seduz.

Na secção Autores da Família, da Livraria Antiga da Casa Amorim de Carvalho, encontra-se catalogado com o n.º 5902 / 00 / T, um volumezinho de 64 páginas, brochado, de capa acinzentada impressa a caracteres verdes. É uma colectânea de poesias. O seu autor: Ribeiro Tacques. Título da obra: *Algas e liquens*. Editora: Livraria Oliveira, à rua Marechal Floriano, 155, em Porto Alegre. Data da edição: dezembro de 1935. Na página de guarda, um belo autógrafa, a tinta preta, muito nítido, que assim reza:

Ao distinto col. e inspirado poeta dr. Alcides de Oliveira Carracho, com o maior apreço e admiração do / Autor / P. Alegre, 27-Dez.-1935. / Av. João Pessoa, 1386.

É o único volume de Carlos Alberto Ribeiro Tacques existente na referida Livraria⁵⁴. O escritor já publicara, em 1902, como dissemos noutra capítulo, um livro de poesias intitulado *Loucuras* que não nos foi possível consultar. No ano de 1947, Alzira Freitas Tacques editava, em Porto Alegre, um grosso volume com poesias suas – *Poemas da meia noite*⁵⁵ – onde incluía, por sua própria iniciativa, de págs. 295 a 336, uma colecção de composições poéticas de Ribeiro Tacques subordinada ao título *Cárcere das horas*. Ela explica, em curta prolação, a génese desta colectânea: «Há muito que Ribeiro Tacques [...] me fala em fazer, entre seus livros, uma selecção de poesias que, acrescida de trabalhos seus inéditos, enfeixaria sob o significativo título: «Cárcere das Horas». Como, porém, tal ideia está custando a se materializar, resolvi-me

53 Cf. Pedro Villas-Bôas, *Notas de bibliografia sul-rio-grandense. Autores*, Porto Alegre, 1974, págs. 506-507.

54 Alcides de Oliveira Carracho, a quem este exemplar fôra oferecido, é referenciado por P. Villas-Boas, *Notas de bibliografia...*, pág. 117: nasceu em Pelotas, no Rio Grande do Sul, a 31 de julho de 1895; «Advogado, jornalista e poeta. Filiado à Academia Sul-Rio-Grandense de Letras. Bib.: *Musa Adolescente, versos*, 1.^a Ed. 1922».

55 Apesar da data impressa (1947) o livro foi publicado, certamente, em 1946; a Biblioteca da Casa Amorim de Carvalho possui, com efeito, um exemplar com dedicatória manuscrita, de Alzira Freitas Tacques, para uma irmã de Roque e Fernando Callage, datada de outubro de 1946.

sem prévia consulta, à sua revelia, a poupar-lhe tal serviço». Eis pelo que respeita à obra poética publicada em livro. Partindo do que dela conhecemos, – como poderemos caracterizar a poesia de Ribeiro Tacques?

Amorim de Carvalho definiu lapidarmente o conceito de poesia: «a ideia em idealidade». É o necessário e o suficiente. Na arte literária pode, pois, haver poesia em verso ou em prosa, sendo o verso (ou ritmo na expressão verbal) unicamente factor poetizante. *Thaïs* de Anatole France é um autêntico poema em prosa, e são-no igualmente, por exemplo, alguns contos de Oscar Wilde, o *Eurico o presbytero* de Herculano⁵⁶. Qualquer aspecto da realidade é susceptível de ser tratado poeticamente: uma ideia filosófica e mesmo um sistema filosófico, a acção e o pensamento político e social (*inclusive* nos aspectos os mais combativos), as teorias científicas, a realidade material e exterior e os mais íntimos sentimentos, – enfim, tudo pode *transmutar-se* em forma poética, digamos: em idealidade, isto é, naquela região do sonho, onde as relações lógicas, rígidas, se atenuam, se diluem, sem que, no entanto, o espírito de cada um de nós deixe de proceder à «transmutação compreensiva» (na terminologia amoriniana) da realidade ou do pensamento poéticos para a realidade ou pensamento puramente racional; porque sem os pontos de referência que permitam aquela transmutação, perder-se-á a significação do que já não poderá considerar-se arte.

Ora, Ribeiro Tacques apresenta-se-nos como poeta de curtas composições, intimista, poeta de amor sobretudo, com temas e embrionárias teses que se esgotam na reduzida dimensão das suas poesias; transparecendo, claramente, na sua criação, o drama amoroso que foi o seu e que não deixou de o interpelar, como no soneto «Receio»:

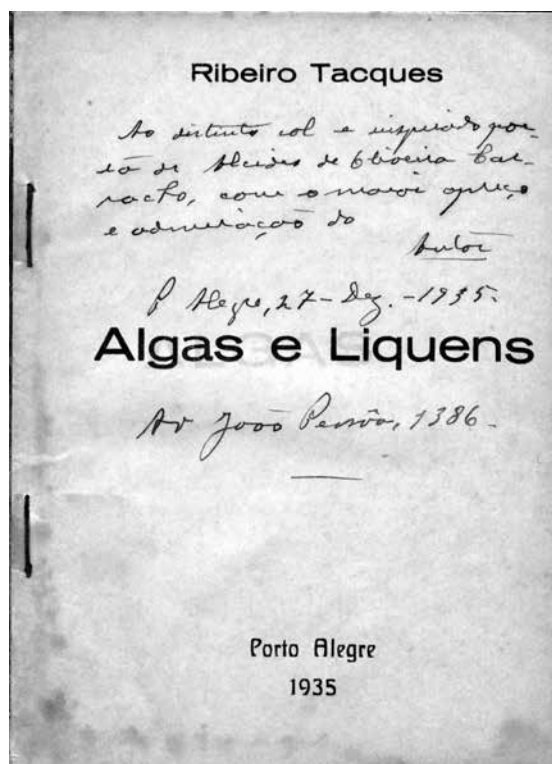
Há quem te fale tão naturalmente,
há quem fite o teu rosto de tal jeito,
que eu chego a convencer-me, com despeito,
da insensibilidade dessa gente.

Eu, não: o meu olhar não vai direito
e franco aos olhos teus, de luz ardente,
e a minha voz é emocionada e quente
si falo a ti, meu ideal perfeito.

56 A palavra *poesia* recobre três conceitos: o de *idealidade na ideia*, o de *género literário ao qual se associa correntemente a noção de ritmo verbal*; além destes, distinguimos (no seguimento de Amorim de Carvalho): *poesia* (no sentido de pequena composição poética, por exemplo, o soneto) e *poema* (extensa composição poética onde uma ou mais teses são expostas e relacionadas com temas diversos, demoradamente trabalhados, por exemplo: *Os Lusíadas* de Luís de Camões, *Oração à luz de Guerra Junqueiro*, *Regresso ao paraíso* de Teixeira de Pascoaes, *Elegia heróica* de Amorim de Carvalho).

Eu receio, por isso, que algum dia,
louvando o alheamento em que persistes,
possa alguém, finalmente, vislumbrar

na minha voz que tudo denuncia,
na luz velada de meus olhos tristes,
a culpa irremissível de te amar!...



Pág. de guarda, com dedicatória manuscrita de Ribeiro Tacques para Alcides de Oliveira Carracho

Essa «culpa irremissível» de amar a sua companheira, volta a atormentar o poeta em «Fugindo à luz», onde, no fecho do segundo soneto, se refere a um amor opressivo:

Qual se fôra uma cruz, trago-o comigo.
Ai! este amor é bem a fiel imagem
de um milionário em trajos de mendigo...;

mas, nos momentos de sensualidade que a amante lhe oferece, ele encontra a razão para aceitar, afinal, o «pecado» desse amor («Milagre»):

Sais de meus braços humida de beijos,
.....
do louco frenesi dos meus desejos.
.....
como si nunca houvesse te possuido,
sinto que é mais vivaz minha emoção...

E bendigo o meu maximo pecado,
em vendo o meu amor eternizado
neste milagre de renovação!...

Ribeiro Tacques não é um poeta *do* amor, querendo nós significar, com esta expressão, o artista que nos dá uma teoria ou propõe uma problemática alargada ou uma filosofia do amor, relacionando-o, portanto, com o sentido da existência humana e com o da própria realidade. Ele é um poeta *de* amor, pelo seu subjectivismo, pelo intimismo quer da sua experiência amorosa, no seu drama pessoal, quer, por vezes, da emoção, de feição mais difusa, perante uma situação amorosa que não seja a dele – mas sem alargar o tema a uma ontologia do amor. Dentro destes parâmetros, o poeta dá-nos belos simbolismos, como em «Cinzas... cinzas...»:

Recebi o lindíssimo cinzeiro
que como festa de Natal me déste.
É de um verde esmaiado de cipreste,
que lembra o mar nas tardes de janeiro.

Beije-te a mão, risonho e prazenteiro.
Mas, a pensar no meu destino agreste,
busquei, no simbolismo que o reveste,
conhecer teu intuito verdadeiro.

No teu cartão de oferta, – que ironia! –
dois amores perfeitos se mostraram,
como a lembrar um tempo que passou...

E eu então compreendi que me cumpria
nele depôr as cinzas que ficaram
daquele amor, que nunca mais voltou!...

Se exceptuarmos aquelas «tardes de janeiro», em que o nome do mês parece, num poeta do hemisfério sul, estar ali mais para rimar do que para outra coisa, – a poesia está bem ordenada. Note-se que não é no cinzeiro (para cinzas de cigarro consumido em fumo de ilusões), mas no cartão com amores perfeitos, que o poeta vai depositar as cinzas espirituais do amor

desfeito: o poeta desmaterializa o simbolismo que impregna o soneto. A nostalgia do passado, o tempo inexorável que altera corpo e alma, são subtilmente evocados em duas composições que a seguir transcrevemos; uma, descritiva («As duas rosas»):

Menina. Ao ver aquela flor humana,
ficava a gente como si sonhasse...
– Uma boneca feita em porcelana,
com uma rosa a florir em cada face.⁵⁷

Noiva. Vi-a uma vez – rosto risonho
junto ao rosto do noivo, terna e langue...
Os seus olhos perdiam-se num sonho,
e as duas rosas tinham tons de sangue.

Esposa. Outros cuidados. Outro rumo...
A vida já não era um sonho brando.
As ilusões fugiam como fumo,
as duas rosas breve desbotando.

Mãe. Entre as duas filhas caminhava
– faces brancas, mas livre de desgosto...
É que, sorrindo, pelas mãos levava
as duas lindas rosas do seu rosto;

outra, intimista de tonalidade marcadamente biográfica («Glória efémera»):

Sorriste, em flor, no meu caminho, um dia...
Olhei-te: estremeci todo de espanto!
Não te vira jamais, é certo, entanto,
como eu te procurava e conhecia!...

Eras a encarnação que assim surgia,
de um lindo sonho que orvalhei de pranto...
que fôra o meu suplício e o meu encanto,
sempre a fugir, num halo de magia!

Destino incauto! Corroou-me a fronte
dessa doce ilusão, que não me salva...
E não viu – olhos postos no horizonte! –

que no céu da existência, claro e quente,

57 Para que o verso fique ritmicamente correcto, é preciso ler: *co'u*, numa sílaba métrica; o autor devia ter grafado como nós indicamos.

tu vais subindo como a estrela d'alva
e eu vou descendo como o sol poente!...⁵⁸

As precedentes transcrições e as que porventura ainda façamos adiante, permitem que o leitor se aperceba do modo poético de Ribeiro Tacques, na ideia e na forma, do seu gosto pela expressão clara, linearmente desenvolvida e, como se verá, pela perfeição rítmica.

O soneto foi o sistema estrófico preferido de Ribeiro Tacques. Talvez com uma única excepção («As duas rosas», atrás transcrita), nele plasmou a sua melhor poesia, em ritmos recitativos: utilizou, quase que exclusivamente, o decassílabo, alternando frequentemente e com consciência técnica, a forma rímica heróica (cuja fórmula sintética é 10⁶) com a sáfica (10⁴⁸), como em «Hibernal» que a seguir em parte transcrevemos (indicar-se-á, para cada verso, a fórmula analítica dos respectivos ritmos, os quais, conforme a lei das relações matemáticas simples, se acordam bem entre si⁵⁹):

58 Estávamos a transcrever este soneto da pág. 313 do livro de Alzira Freitas Tacques, *Poemas da meia noite* (onde, como dissemos, fôra incluída a colectânea de poesias de Ribeiro Tacques intitulada *Cácere das horas*) quando deparámos com o 1.º verso do 1.º terceto, nesta forma:

Destino incauto! Corôa-me a fronte

que logo nos pareceu abstrusa, pois nos dava a entender que o poeta invocava o «Destino incauto» para este lhe coroar a fronte dessa doce ilusão que não o salvava... passando depois o poeta para a terceira pessoa, ao referir-se ao «Destino incauto»: «E não viu [ele, esse «Destino incauto»] [...] que», etc. Além do mais, achámos suspeito o ritmo do verso: não era um 6+4 (decassílabo heróico), nem um 4+4+2 (sáfico). Para a coerência rítmica da poesia, o verso teria que ser considerado como um composto de base hexassilábica 4(1)+6 (tetra-hexassílabo de cesura átona, tipo métrico que se perdera, aliás, na poesia de expressão portuguesa, onde foi reintroduzido, consciente e sistematicamente, por Amorim de Carvalho). Mas há mais: para que o verso entrasse neste esquema rítmico, ter-se-ia que fazer diálise em *me-a*:

Des-ti-no in-cau-to! / Co-rô-a-me-a-fron-te 4(1)+6

que nos parecia forçada. No entanto – pensávamos – pode ser que o poeta assim tivesse construído o verso, tanto mais que o sotaque brasileiro abre e marca mais nitidamente as vogais do que o português. O mais natural mesmo, no entanto, seria fazer sinalefa: *m'a* ou *mea* pronunciados numa sílaba; mas, neste caso, o verso não teria sentido rítmico (como um ouvido atento logo se aperceberia) porque resultaria esta forma: 4(1)+5⁵, aberração rítmica, contra as leis da métrica, pela junção, desagradável ao ouvido, de um ritmo recitativo com um ritmo lírico. Enfim, hesitávamos. Ocorreu-nos, então, consultar a antiga edição de *Algas e liquens* onde o soneto fôra primitivamente incluído por Ribeiro Tacques... e lá encontramos a resposta às nossas dúvidas: aí estava o verso escoreito, tanto na ideia como no ritmo – e nesta forma o transcrevemos no presente estudo. A fórmula analítica que corresponde ao seu ritmo é, pois, 4+4+2 (nem mais nem menos o classicíssimo decassílabo sáfico). – Aqui fica explicado um caso de análise de texto, muitas vezes necessária para a reconstituição de versos que andam deturpados em sucessivas e descuidadas edições – e destes descuidos já estava sendo vítima o poeta Ribeiro Tacques. Nestes casos, para uma revisão de uma obra poética, além do bom entendimento da ideia que o poeta quis expressar, exige-se um conhecimento aprofundado das leis e da técnica do ritmo verbal.

59 Foi nos trabalhos de Amorim de Carvalho, a partir dos anos trinta do século passado, que a versificação acentual, mormente na sua parte mais nobre que é a métrica, ascendeu ao nível de ciência, com a formulação precisa das leis do ritmo verbal e a actualização da terminologia. Desses trabalhos citaremos:

Já não existem flôres nos caminhos...	<6+4>
A natureza é lacrimosa e triste...	<4+4+2>
.....	
Hoje, ao volver o olhar saudoso aos longes	<4+4+2> ou
<6+4> ⁶⁰	
tempos bordados de ilusões e crença,	<4+4+2>
sinto a tristeza <i>mística</i> dos monges!	<6+4>
E recordando os sonhos que eu tivera,	<6+4>
entra-me o peito uma saudade imensa	<4+4+2>
das doiradas canções da primavera!...	<6+4>



Ribeiro Tacques

Tratado de versificação portuguesa (6.ª ed., Coimbra, 1991), *Teoria geral da versificação*. Vol. I. *A metrificação e a rima* e Vol. II. *As estrofes, os sistemas estróficos e a história da versificação* (Lisboa, 1987). – A literatura de expressão portuguesa possui riquíssima poesia que será uma das mais belas do mundo. Mas se exceptuarmos a obra de Amorim de Carvalho e os nossos trabalhos – alguns dos quais publicados em Espanha (*Amorim de Carvalho. No 1.º centenário do seu nascimento (Síntese biográfica)*. Uma bibliografia sobre versificação, *O ritmo na poesia de Amorim de Carvalho* e *O ritmo na poesia de Amorim de Carvalho. II. Heterometria e isometria lírica em Verbo doloroso*, «Rhythmica. Revista Española de Métrica Comparada» [dirigida por José Domínguez Caparrós e Esteban Torre], Facultad de Filología, Sevilla, 2004, 2006 e 2009), – o estudo da métrica tem sido, nos países de língua portuguesa, conflagrantemente pobre, deficiente, desactualizadíssimo.

60 Não deveríamos sequer admitir a segunda forma rítmica (heróica), porque de certeza que o poeta compôs o verso tendo no ouvido o ritmo sáfico, para manter a continuidade da dicção em: *o olhar saudoso*; caso contrário, isto é, com acentuação rítmica na 6.ª sílaba, romperia aquela continuidade; tanto mais que Tacques construiu este verso com terminação falsa (o que em castelhano se chama, sugestivamente, de *encabalgamiento*): *longes / tempos* – apresentando, pois, um segundo corte lógico na expressão verbal se o verso fosse lido na forma 6+4.

Assim, podemos dizer que, se o poeta não consciencializara as leis do bom acordo dos ritmos verbais, tivera, no entanto, como os melhores ritmistas, a intuição desse bom acordo. Queremos transcrever, ainda, outro soneto (*Jarra florida*) que, não sendo dos melhores de Ribeiro Tacques, tem uma curiosa particularidade rítmica:

Jarra lilaz de frágil porcelana,	<6+4>
o meu amor, que é a minha vida, um dia	<4+4+2>
confiei aos teus cuidados, e queria	<6+4>
vê-la das outras jarras soberana.	<6+4>
Com a graça ideal que do teu ser emana,	<4+4+2> ⁶¹
sempre cheia a trouxeste – eu o previa! –	<6+4>
de espinho e flor, flor que me delicia,	4+6
espinho que me fere e que me engana.	<6+4>
E sou feliz, chorando às vezes... Temo,	<4+4+2>
porém, que o dia chegue em que tuas mãos	<6+4>
não mais lhe dêem o seu carinho extremo,	<4+4+2>
e a jarra fique, triste e abandonada,	<6+4>
num mistério de símbolos pagãos,	<6+4>
sob pétalas murchas sepultada!...	<6+4>

que surge no 7.º verso, que é um composto: o tetra-hexassílabo de cesura tónica. Este ritmo que, por influência provençal, fôra usado pelos trovadores portugueses, desapareceu precocemente da nossa poesia onde foi reintroduzido, sistematicamente e com perfeita consciência técnica, no século XX, por Amorim de Carvalho. Tacques utilizou-o acidentalmente, sem ter, aliás, bem assimilado a técnica da sua realização; porque, para realizar este ritmo, é sempre necessário que a 4.ª sílaba não seja mera sílaba acentuada, mas sim que constitua uma cesura tónica a dividir os membros 4 e 6. Por a intuição do poeta não lhe ter permitido compreender perfeitamente esta técnica, ele escreveu tiradas como esta, no soneto «Milagre» (que já atrás transcrevemos parcialmente):

neste *milagre* | de renovação!...

cuja forma analítica é 4(1)+5; da sua defeituosidade rítmica (juntando um ritmo lírico, de número ímpar de sílabas, a um recitativo, de número par de sílabas) logo se apercebe o ouvido atento. Se lhe quiséssemos dar forma rítmica correcta, teríamos que provocar a sinalefa da última sílaba do

⁶¹ Com a deve ler-se numa sílaba, não havendo razão nenhuma para que o poeta não grafasse: *co'a*.

tetrassílabo na primeira do hexassílabo, nesta alteração experimental, por exemplo:

neste mila|gre, o da renovação!...

cujas forma se traduz matematicamente em: 4+6. É claro que a técnica apropriada para recuperar o verso (sem alterar a redacção defeituosa) para uma integração no todo musical do soneto (cujo ritmo efectivo é o decassilábico heróico), consiste em compensar a falta de acento rítmico na 6.^a sílaba (*de*) por uma pausa nessa mesma sílaba (de acentuação muito débil); é uma técnica de recurso, que indicaremos pelo travessão de respiro:

neste milagre de | renovação!...

Sem entrarmos noutros aspectos da técnica do tetra-hexassílabo, aqui deixamos estas considerações sobre a curiosa tentativa, embora parcialmente frustrada, em Ribeiro Tacques, para a realização desta bela forma rítmica.

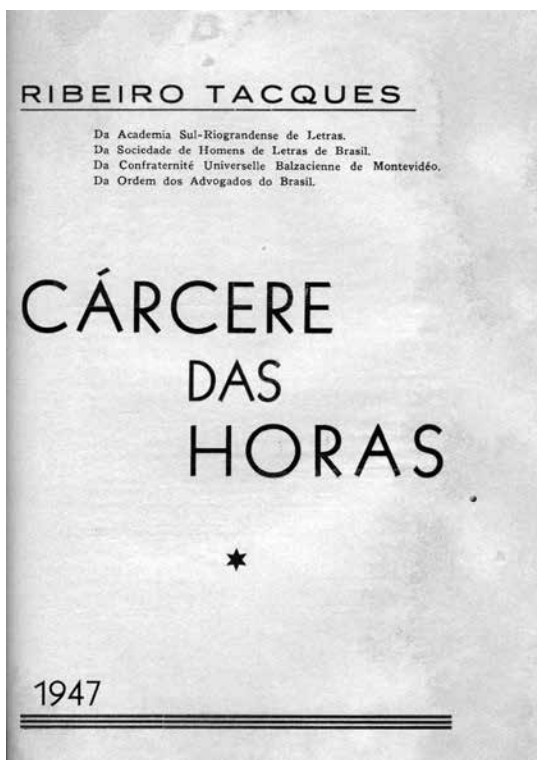
O poeta ainda utilizou, nos sonetos, com perfeição técnica – e sempre, cremos, com cesura tónica –, o ritmo biexassilábico, também conhecido por verso alexandrino, o 6+6, sem ou com sinalefa post-cesural; porque, neste caso, terminando o 1.^o hemistíquio por palavra grave, a sílaba átona final vai elidir-se no 2.^o hemistíquio. Transcrevemos o terceto final do soneto «Porque te amo»:

E entreguei ao teu cor|po o meu corpo fremente...
E minh'alma à tua al|ma entreguei, como escrava,
numa oferta integral, | com todo o ardor de um crente.

No ritmo recitativo, a heterometria foi também cultivada por Ribeiro Tacques, na bela combinação dos ritmos decassilábicos heróico e sáfico, com o hexassílabo; é o caso de «Última página» de que trasladamos a primeira das quatro oitavas que compõem a poesia:

Quantas quimeras, flor, e quantos sonhos	10 ⁶
não chegaram contigo!	6
Ao nosso ninho os ideais risonhos	10 ⁴⁸
iam pedir um carinhoso abrigo...	10 ⁴⁸
Que as grandes ilusões fogem medrosas	10 ⁶
dos peitos onde existem cicatrizes,	10 ⁶
para buscar as almas amorosas	10 ⁶
e os corações felizes!	6

Raríssimas são as composições em ritmo lírico: neste tipo rítmico, apenas terá versificado, pelo que conhecemos da sua obra, em



Esta colectânea de poesias de Ribeiro Tacques, datada de 1947, mas certamente publicada em 1946, foi incluída por Alzira Freitas Tacques na sua obra Poemas da meia noite

heptassílabos (7^ª, acentuação incerta), a forma rítmica que parece melhor corresponder à índole da alma lusíada, e à da língua portuguesa. Serve de exemplo a singela e bela composição saudosista que Ribeiro Tacques intitulou «De longe»:

À noite, quando partiste,
fiquei contemplando o trem.
E pensei, nervoso e triste:
– como faz mal querer bem.

Errando pela cidade,
voltei para casa, enfim,
a cultivar a saudade
que nasceu dentro de mim.

Segui-te em mente na viagem.
A noite inteira velei,
invocando a tua imagem.

– Valia a pena? Não sei!

É que ora o temor me assalta,
que tento afastar, em vão,
de que alguma estrela falta
no céu da nossa afeição.

E embora eu te queira bem,
não desejo, mesmo assim,
sentir saudades de quem
não tem saudades de mim...

Ribeiro Tacques é um clássico na ideia e na forma. O versilivismo não podia seduzir o poeta esteticamente disciplinado que foi, não rompendo com as regras consagradas pelo bom senso. Em «Meteóro», por exemplo, há menos um versilivismo afirmado, do que a procura, com certo snobismo, de uma moderada desconstrução métrica que, afinal, fica dominada por uma evidente tendência para a coerência rítmica, como poderíamos facilmente explicar; é nesta coerência que está a inegável autenticidade de Ribeiro Tacques. O poeta versejou pouco. Teve – como dissemos – a intuição dos bons acordos rítmicos, praticando a heterometria tradicionalmente empregue na poesia de expressão portuguesa. Jogou, aqui e ali, com certas raridades ou subtilidades vocabulares («se diadema», do verbo *diademar*; «espouca», com o significado de: *surge escancarado* ou *escancaradamente*, cremos⁶²) e rimáticas («há de» a rimar com «piedade») – mas nada disto está marcado por originalidade que salte aos olhos. Do ponto de vista formal, tanto na estrofação e na rima como no ritmo, não desvendamos inovações. Mas isso não quer dizer que Ribeiro Tacques não nos tenha apresentado algumas belas composições poéticas.

FINAL

Carlos Alberto Ribeiro Tacques morreu aos 2 dias do mês de outubro do ano de 1949, em Porto Alegre, conforme indica a certidão de óbito que atrás citámos. Foi sepultado no cemitério da Santa Casa da Misericórdia, da mesma cidade. O atestado de óbito, firmado pelo doutor Celso de Barros Figueiredo, «deu como causa morte cirrose atrófica de Laennec, alcoolismo crônico»: era a consequência de um desregramento que tomou progressi-

62 Não encontramos o verbo *espoucar* nos dicionários recentes, nos elucídários de arcaísmos nem nos vocabulários regionalistas, portugueses e brasileiros.



Ribeiro Tacques. Fotograf. tirada, o mais tardar, em 1946. Ilustra a edição da sua obra *Cárcere das horas*



Placa da bela artéria que tem o nome de Ribeiro Tacques, numa zona residencial de Porto Alegre. Fotograf. tirada, em 2008, por Maria Cristina Cidade Soares, sobrinha-neta do escritor

vamente conta do poeta e lhe ia tirando a capacidade para trabalho intelectual de certa persistência e intensidade, enfraquecendo-lhe a vontade, como transparece do prefácio que, cremos, em 1946, a sua companheira redigiu para *Cárcere das horas* – obra que Ribeiro Tacques já não conseguia organizar. A fotografia – que dele se publica ao abrir essa derradeira coletânea das suas poesias, e que deve ter sido tirada, o mais tardar, no ano de 1946 (tinha o poeta 67 anos) – essa fotografia, mostra-o precocemente envelhecido. O declarante do falecimento, Rodolpho Torres de Carvalho (que não sabemos quem seja) deixou a informação de que o finado não fizera testamento nem tinha bens. A referida certidão de óbito comporta declarações manifestamente incompletas ou errôneas, logo saltando aos olhos a que se refere apenas à filha deixada por Ribeiro Tacques, de nome Isis, que ele teve da amante. Ora nós sabemos que o poeta deixou outro filho, de nome Francisco Chagas Ribeiro Tacques, do casamento, realizado em Triunfo, com Maria Jozé Henriques. Como explicar esse e outros lapsos? Parece-nos que o que se verificou, após o passamento de Ribeiro Tacques, foi o seguinte: o declarante – que conhecia pessoalmente, com certeza, Maria Alzira, com quem o poeta se juntara – declinou unicamente o nome da filha que Ribeiro Tacques tivera da companheira. Além disso, o declarante transmitiu, por certo sem malícia, o que esta lhe comunicou quanto ao estado civil do finado, isto é: por um lado, que era casado com ela (o que o declarante naturalmente admitia, por saber que viviam juntos, e não conhecer, provavelmente, o passado do escritor); e por outro, que o casamento fôra celebrado no «cartório da 2.^a zona» de Porto Alegre – declaração esta que ficaria a coonestar a declaração anterior...

Maria Jozé Henriques sobreviveu a Carlos Alberto Ribeiro Tacques.

*

Nesta longa digressão através de lugares diversos e por remotos tempos, procurámos desvendar a alma desses que, por vezes intensamente, neles viveram: foi a menina portuense tão cedo exilada em terras do Brasil... e o casamento com o jovem e nobre brasileiro... foi o atormentado intendente do município de Santa Maria... e o poeta amoroso e inquieto no seu pecado de amar... Mas nesse mesmo afastamento, eles se nos apresentaram, afinal, simultaneamente distantes e próximos de nós – próximos, no que para nós deixaram expresso de sua própria existência; e distantes, no que para si guardaram em insondáveis mistérios.

Vamos concluir.

Do casamento da irmã de Ribeiro Tacques – Alice Tacques – com Oly Pereira Soares (irmão do notável contista Darcy Azambuja), veio a nascer Nilo

Tacques Soares o qual (do seu matrimónio com Maria Callage Cidade, sobrinha materna que foi dos escritores Roque e Fernando Callage) teve uma filha de nome Maria Cristina Cidade Soares; esta, no ano de 1974, casou-se com Júlio Amorim de Carvalho que (como filho do poeta e filósofo Amorim de Carvalho) é trisneto de António Pinheiro Caldas, o romântico poeta que residiu na rua das Flores, no Porto, ao tempo em que nela também moraram os avós de Ribeiro Tacques, trisavós da Maria Cristina.

Assim se fecha o curso multiseccular de sucessivas gerações, como numa linha venturosa e dolorida – de vidas e mortes – que da romântica cidade do Porto se distendeu até aos confins meridionais do Brasil e, de lá, ao Porto tornou.

Porto,
na festa do Santo António português, ano de 2010.

Júlio Amorim de Carvalho

casa@amorimdecarvalho.com

[As ilustrações deste estudo provêm do Arquivo e da Biblioteca da Casa Amorim de Carvalho]